



## Acupuntura urbana: conceito e poética

Urban acupuncture: concept and poetics

Acupuntura urbana: concepto y poética

Cláudia Vicari Zanatta<sup>1</sup>; Marina Costamilan Rombaldi<sup>11</sup>

### RESUMO

A partir do conceito de acupuntura urbana de Jaime Lerner (2011), alinhado à pesquisa de Caroline Criado Perez (2019) e Amos Rapoport (1977), reflete-se, neste artigo, sobre duas atuações artísticas realizadas na cidade de Porto Alegre e suas relações com as forças que determinam o comportamento cotidiana dos corpos nos espaços coletivos comuns.

**Palavras-chave:** Acupuntura urbana; Instalação; Ação performativa; Poética artística; Cidade

### ABSTRACT

Based on the concept of urban acupuncture developed by Jaime Lerner (2011), interrelated with the research by Caroline Criado Perez (2019) and Amos Rapoport (1977), this article reflects on two artworks carried out in the city of Porto Alegre and its relations with the forces that determine the daily conduct of the bodies in common collective spaces.

**Keywords:** Urban acupuncture; Installation; Performative action; Artistic poetics; City

### RESUMEN

Desde el concepto de acupuntura urbana de Jaime Lerner (2011), en línea con la investigación de Caroline Criado Pérez (2019) y Amos Rapoport (1977), este artículo reflexiona sobre dos trabajos artísticos realizadas en la ciudad de Porto Alegre y sus relaciones con las fuerzas que determinan la conducta de los cuerpos en los espacios colectivos comunes.

**Palabras clave:** Acupuntura urbana; Instalación; Acción performativa; Poética artística; Ciudad

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS - claudia.zanatta@ufrgs.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1312-6203>

<sup>11</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS - marinacrombaldi@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6151-0694>

Sempre tive a ilusão e a esperança de que, com uma picada de agulha, seria possível curar doenças. O princípio de recuperar a energia de um ponto doente ou cansado por meio de um simples toque tem a ver com a revitalização deste ponto e da área ao seu redor.

Lerner (2011, p. 7).

Em 2003, o urbanista brasileiro Jaime Lerner lançou o livro intitulado *Acupuntura urbana*. Nele, o autor se refere à técnica da acupuntura, a qual a partir da incidência em pontos muito pequenos (por meio de agulhas) provoca alteração na dinâmica de sistemas complexos, como o corpo humano, trazendo inúmeros benefícios. Se utilizando desta referência, a partir de uma experiência de décadas relacionada ao planejamento urbano, Lerner enfoca as cidades como corpos, com dinâmicas feitas de fluxos, circuitos passíveis de serem alterados, mesmo que seja por pequenas interferências. O autor sugere exemplos de acupunturas que podem ser deflagradoras de alterações em lugares específicos da cidade como circuitos de filmes nacionais em cinemas comerciais; distintas formas de estabelecer outras frequências e ritmos ao se deslocar e utilizar diferentes meios de transporte, abandonando um pouco os carros e as vias rápidas; pequenas gentilezas para com o outro; os sons, os silêncios, o cheiro e a cor (LERNER, 2011). Mesmo a presença de um elemento bem pontual pode oportunizar um outro uso e acesso a um local, alterando sua dinâmica, como a instalação de um poste de luz em uma área sem iluminação.

Durante o período pandêmico muitas formas de acupuntura urbana ocorreram. As situações geradas para agir pontualmente em busca de amenizar o duro momento pelo qual atravessamos, especialmente quando a pandemia esteve em seu nível mais alto de contágio e de mortes, não foram poucas. Em várias cidades, pessoas passaram a cantar ou tocar instrumentos nas janelas ou sacadas, ocorreram inúmeras ações solidárias entre vizinhos, pias para higiene foram instaladas nas ruas, para citarmos apenas algumas das ações, muitas delas pequenas, mas com potencial de trazerem um pouco



de saúde a um panorama desolador.

Fig. 1 - Pia instalada no Viaduto da Conceição, centro de Porto Alegre, 2021

Foto: Cozinheiros do Bem

Compreender e atentar para a cidade como um corpo e seus fluxos - sejam eles materiais e concretos como veículos e pessoas, sejam esses fluxos informes, desorganizados, abstratos, impalpáveis - é importante também, para que compreendamos nossos próprios tempos, permanências e posturas no espaço urbano, inclusive em contextos como o da pandemia da COVID-19. De acordo com o teórico Amos Rapoport (1977), as propriedades físicas, espaciais e estruturais dos ambientes construídos na cidade são portadores de significados e comunicam ideias que vão sendo decodificadas pelo nosso corpo ao circularmos nestes ambientes. Tais ambientes acabam gerando pequenas sugestões de padrões comportamentais que vão facilitar ou inibir processualmente a utilização dos espaços e estruturas do urbano. Dessa forma, as estruturas da cidade, segundo Rapoport, indiciam ações e indicam relações de poder, ordens culturais e sociais que dizem respeito a determinados contextos temporais e grupos sociais (RAPOPORT, 1977).

Rapoport (1977) reflete ainda sobre o que determina a qualidade dos espaços urbanos, sugerindo que um espaço público poderia ser considerado de qualidade somente quando, em sua concepção e desenvolvimento, são levados em conta os diversos valores culturais, as diferentes subjetividades que advém dos grupos sociais que circulam nesses ambientes e, ainda, os distintos modos e propósitos pensados para seu uso (RAPOPORT, 1997). Tais afirmativas nos levam a perguntar, quando nos deparamos com os ambientes da cidade, comumente rijos, distanciados, acinzentados e inabitáveis: até onde existe qualidade e a quem essa qualidade se direciona?

Em relação às forças que acabam por tentar definir como corpo-espaço urbano se afetam, é importante ressaltar a publicação da pesquisadora Caroline Criado Perez: *Invisible Women: exposing data bias in a world designed for men*, na qual a autora pinça dados que nos permitem refletir sobre as tomadas de decisões que geram espaços urbanos. Perez escreve sobre o planejamento urbano de diferentes regiões e culturas do mundo que, com frequência, falham, por exemplo, em garantir os direitos das mulheres no espaço público, indicando que as cidades são, de fato, desenvolvidas por homens e para homens. Muitas das configurações urbanas, como estruturas dos espaços públicos, dos transportes coletivos, dos mobiliários, dos móveis, entre muitos outros objetos e ambientes, são pensadas tendo como base o tipo de padrão de corpo masculino que circula, indicando que essa é a perspectiva inicial para o desenvolvimento de diferentes projetos e criações que são apresentadas no espaço da cidade como sendo democráticos e de qualidade (PEREZ, 2019).

Observando-se diferentes contextos, o que nos parece ser mais recorrente conforme os centros urbanos se desenvolvem é a construção de espaços públicos e privados que levam em consideração as necessidades principalmente de uma parcela de indivíduos, ao proporcionar qualidade para alguns grupos de sujeitos - especialmente os pertencentes a classes sociais mais favorecidas economicamente. Tais espaços vão - às vezes drasticamente, mas, também sutilmente - atuando na eliminação da presença de uma parcela da população dos ambientes com melhores estruturas e serviços na cidade. Percebe-se que os ambientes construídos - edificações públicas e privadas, praças, ruas, passarelas, mobiliários, entre outros - determinam e geram formas de inclusão e de exclusão, interferindo diretamente no *modus operandi* individual e coletivo nas sociedades atuais.

No intuito de observarmos com um pouco mais de atenção alguns exemplos de práticas que relacionam corpo, percepção e espaço público urbano, passaremos a focar duas propostas artísticas que ocorreram na cidade de Porto Alegre, uma delas permanente e outra efêmera.

## Acupunturas urbanas em contraponto na cidade de Porto Alegre

Partindo da premissa de que a cidade pode ser modificada pelo contato com a arte, estimulando experiências não habituais dentro de territórios cotidianos, diversos artistas têm proposto meios para transformar o espaço urbano, fazendo com que ele deixe de ser cenário distanciado para se tornar campo de modificações positivas dos sujeitos e de suas relações interpessoais.

Se pensarmos na arte contemporânea, podemos entender que também algumas propostas agem no sentido apontado por Lerner, indicado no início deste artigo. Na cidade de Porto Alegre, por exemplo, uma obra pública que nos propõe uma espécie de acupuntura urbana é a instalação em granito realizada pelo artista Xico Stockinger, em 2001, em uma rótula entre avenidas movimentadas. Nas rótulas raramente paramos, muito menos permanecemos, pois em seu entorno há fluxo de carros. Elas são locais de entroncamento, pensados para a organização da passagem de veículos e não para as pessoas. Na instalação, Stockinger propõe algo próximo a uma "sala de visitas" pelo modo como organizou e cortou as pedras de granito. Não é incomum vermos pessoas sentadas nas "poltronas" de pedra para tomarem chimarrão, conversarem. O artista, mediante o acréscimo deste "mobiliário" escultórico ao local, propõe uma alteração radical da dinâmica criada pelos urbanistas no planejamento da cidade voltada aos veículos. Ele oportuniza que se observe e se construa uma outra relação com um lugar de passagem veloz ao abrir a oportunidade para que tal espaço seja também um local de pausa, de descanso e de comunidade.



Fig. 2 - Xico Stockinger, Granito, 2001

Outro exemplo de intervenção pública urbana que pode ser considerada uma acupuntura na cidade de Porto Alegre, mas neste caso, efêmera, foi proposta por yy, no ano de 2021. A intervenção se intitulou Interações II 3.

A artista partiu de um dispositivo intitulado corpo-cor amorfo para propor uma interação com uma série de itens do mobiliário urbano. Esse dispositivo, constituído por uma gigante malha vermelha com 1,75m de largura por 10m de comprimento, foi um meio para estabelecer relações com o espaço urbano, atuando como uma forma de orientação para a disfunção do cotidiano. Em termos de experiência, esse dispositivo se propôs a estabelecer uma relação viva com o espaço da cidade, ampliando a noção da corporeidade e da percepção através da matéria e da vibração cromática. Um corpo-cor amorfo que se classifica - isso se seria possível classificá-lo - como uma espécie de não objeto de arte, sendo constituído de uma matéria que permitiu a configuração e a execução de uma série de processos ativos, como amarrar, espichar, estender, distender, enrolar, cobrir, aproximar, recriar. Tais procedimentos podem auxiliar a repensar, também, as forças culturais, políticas e sociais que atravessam os diferentes corpos que circulam na cidade, refletindo sobre tempos, fluxos e esperas.

Interações II (2021) na Praça João Paulo I, em meio à pandemia da COVID-19 e no auge do distanciamento e necessidade do isolamento social. Nesse local havia bancos estranhamente posicionados, em uma composição um tanto quanto curiosa, dado o fato que os bancos da praça faziam com que o cidadão, ao sentar-se, ficasse com suas costas voltadas para os outros bancos e pessoas. Cada banco também forçava o direcionamento do olhar de cada uma das pessoas para uma única parte específica da praça, "como se os bancos determinassem exatamente o ponto de vista que você deveria ter para observar aquele espaço, dificultando o contato do olho no olho" (yy, 2021, no prelo). Juntos, esses bancos constituíam uma espécie de cercamento de um canteiro, fazendo com que se tornasse dificultoso socializar - ou coletivizar - no espaço coletivo, já que as próprias estruturas do mobiliário se impunham como propositoras de uma não interação.



Fig. 3 – Praça João Paulo I, bairro Santana, Porto Alegre (2021). Fonte: Google Street View (2019)4.

Reunindo esforços do seu corpo e da matéria maleável para aproximar esses mobiliários e agrupá-los, a artista estendeu o corpo-cor amorfo sobre esses bancos, transformando, ocultando, amarrando, encobrindo e recriando essas estruturas com suas silhuetas rijas que passaram, temporariamente, a estar ligadas por algo mais maleável e espichado. Reforçando outras possibilidades das próprias estruturas já existentes na cidade, transfigurando os elementos da paisagem urbana e buscando testar até onde alcançava e tocava cada parte do corpo-cor nessas estruturas, yy modificou a perspectiva do



cenário, recriando uma horizontalidade-não-plana.

continua...

Fig. 4– Interações II, XXX, Porto Alegre, 2021  
Fotografia: Desirée Fererira. Edição: Rodrigo Onzi. Fonte: Arquivo pessoal da artista (2021)

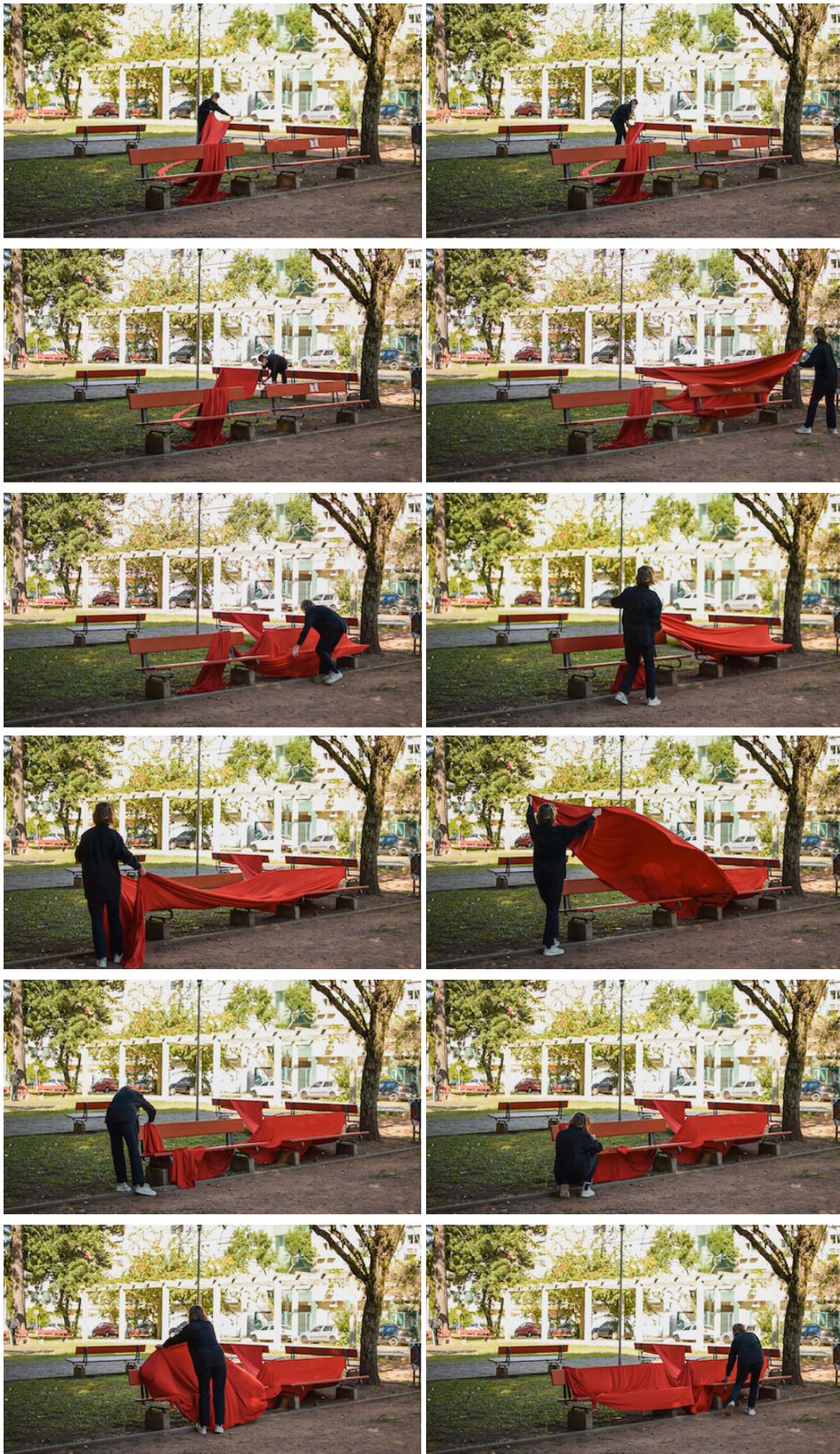


Fig. 4 – Continua...



Fig. 4 – Conclusão

Diferentemente do que acontece na instalação de Xico Stockinger, a estrutura maleável do corpo-cor amorfo evidencia um outro tipo de tridimensionalidade no espaço. A cor vermelha rompeu com os acinzentados, verdes e amarronzados do cenário da cidade e, pela vibração cromática, se propôs a atuar como uma espécie de outro habitat de um cenário inóspito e vazio em decorrência da pandemia mundial da COVID-19. Essa ação também pode nos levar a refletir sobre as interações no espaço público em tempos de epidemia que, muito distanciadas, ficam restritas ao olhar – reforçando essa constituição de cidade niilista. É difícil tentar produzir a partir dos sentidos táteis quando tanto das relações interpessoais se constituem somente por uma aproximação visual.

Pensa-se, assim, a cidade como um espaço no qual residem diversas possibilidades e modificações. As interrupções criadas pelo corpo-cor amorfo nas ações Interações II, bem como pelo trabalho de Xico Stockinger na rótula movimentada, interferem diretamente na materialidade concreta da cidade, reforçando a redução da velocidade, apontando para as paradas ou mudanças de circuito.

## Considerações finais

Aproximando os estudos de Perez e Rapoport citados no início deste artigo, podemos perceber que existem afetos e forças que exercem pressões e poderes sobre a existência, a experiência, e as configurações dos corpos de diferentes indivíduos no espaço público - levando em conta, inclusive, um importante recorte de gênero e raça. Desse modo, é importante que sejam pensadas soluções inovadoras para o espaço público a partir do rastreamento de tendências comportamentais que respeitem e incluam as relações de gênero, raça e classe para que possam ser desenvolvidos programas de infraestrutura que abarquem diferentes necessidades, minimizando as feridas que a urbanização vai causando na urbe.

Neste aspecto de pensar e gerar uma outra relação com a cidade, a arte também pode contribuir. Propostas podem recriar - ou criar - formas de usos diferentes, estabelecer temporalidades próprias em cada espaço, em cada sujeito ou coletivo. As ações artísticas têm potencial para agir como se estimulassem as terminações nervosas dos corpos, convidando-nos a habitar a cidade de modo diferente do proposto pelos planejadores urbanos.

Muitas ações artísticas permitem que atentemos para aquilo que escapa ao planejamento urbano, que é o que acaba por criar universos espaço-temporais diferentes daqueles a que estamos habituados. As acupunturas urbanas nos inserem em universos de representações simbólicas e permitem-nos elaborar diferentes subjetividades em cidades “imaginadas e vivas” - que são as cidades criadas pela experiência e vivência do corpo. São as representações simbólicas, em grande parte das vezes, que acabam guiando, com bastante intensidade, as maneiras como a cidade concreta é utilizada e afeta os

cidadãos. Uma cidade é heterogênea justamente porque existem muitos imaginários que a habitam (JACQUES, 2001).

Dessa maneira, a arte pode atuar nas relações de (des)localização e pertencimento do sujeito – seus territórios e desterritorializações<sup>5</sup>, também potencializando a que espaços da cidade possam se tornar nossos espaços próprios, que nos pertençam, verdadeiramente, por direito enquanto cidadãos.

Alterações em partes da estrutura do urbano ou de seus cenários de forma acupuntural e sutil ou de forma mais imponente e perceptível, de maneira passageira ou de maneira permanente, possibilitam a criação de uma cidade-outra. Essa cidade outra pode ser pensada como uma urbe mais corporificada, vista e criada a partir de uma nova perspectiva. Uma cidade justaposta à cidade concreta, cartesiana e que dialoga com o mover e com a própria constituição da experiência de vida, inferindo mudanças nas diferentes subjetividades presentes no espaço coletivo.

Para Lerner (2011), é importante que busquemos meios para que nos sintamos pertencentes e que participemos ativamente da cidade em que vivemos, buscando maneiras de atuar diretamente na alteração das infraestruturas. As acupunturas urbanas são, portanto, uma tentativa de resgate ou mesmo de criação da identidade cultural de um determinado local ou comunidade. Nas palavras do autor:

Uma boa acupuntura é ajudar a trazer gente para a rua, criar pontos de encontro e, principalmente, fazer com que cada função urbana catalise bem o encontro entre as pessoas. Um terminal de transporte, por exemplo, não precisa se assemelhar a uma estação rodoviária. Ele também pode ser um bom ponto de encontro (LERNER, 2011, p. 45).

## REFERÊNCIAS

LERNER, Jaime. Acupuntura urbana. 5. ed. Rio de Janeiro, Record, 2011.

JACQUES, Paola B. Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

PEREZ, Caroline Criado. Invisible Women: exposing data bias in a world designed for men. New York: Abrams Press, 2019. Disponível em: <http://library.lol/main/41D69A7572719B476460E768669048D3>. Acesso em: 11 set. 2021.

RAPOPORT, Amos. Human aspects of urban form: towards a man-environment approach to urban form and design. London: Pergamon Press, 1977.

XXXX, XXXX (no prelo). Vermelejar: inserções poéticas de um corpo-cor na cidade. 2021. 228f. Dissertação (Mestrado em Poéticas Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2021.